



5º Congresso de Pós-Graduação

CORPO GRÁVIDO: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Autor(es)

KARINA LUPERINI

Co-Autor(es)

REGINA MARIA ROVIGATI SIMÕES

Orientador(es)

REGINA MARIA ROVIGATI SIMÕES

1. Introdução

Esse estudo consiste em parte do referencial teórico elaborado no projeto de dissertação de mestrado, em andamento, intitulado “Corporeidade gestante: o discurso de corpo de mulheres em idade adulta e madura e dos pais das crianças” e se faz relevante uma vez que discute a gravidez sob a ótica da Educação Física acometendo, dessa forma, uma contribuição à produção científica da área, que se mostra carente nesse enfoque temático. Sua relevância pode ser desvendada quando na análise do corpo e seus movimentos, sendo esse último objeto de estudos da Educação Física, compreendendo o corpo em seus diversos aspectos, momentos e possibilidades, dado que o corpo é histórico, cultural, individual e coletivo.

2. Objetivos

Discutir, a partir de uma revisão bibliográfica, a gravidez e suas implicações no corpo feminino, considerando a complexidade desse processo a partir de uma análise sobre os aspectos físicos, emocionais e afetivo-sociais que o envolvem.

3. Desenvolvimento

Para o desenvolvimento do estudo, houve a pesquisa bibliográfica apoiada em Rudio (1998), nas bibliotecas da Universidade Metodista de Piracicaba, Universidade Estadual de Campinas e Universidade de São Paulo, a partir, dos temas: mulher, corpo, maternidade, gestação e paternidade.

4. Resultados

Engravidar... Na experiência de mulheres desejantes da maternidade a gravidez pode ser compreendida e revelada como uma dádiva, como um presente da natureza ou, para algumas, uma obra divina seguida de concepções religiosas. A fase da gestação pode representar para aquela que observa a vida nascer de si um momento sublime, mas também, pode estar atrelada a uma complexidade de significados e significações diferentes e até contraditórios do conceito de maternagem como um momento feliz. O início de uma gestação pode ser calculado a partir do primeiro dia da última menstruação e pode evoluir até duzentos e oitenta dias, ou seja, quarenta semanas aproximadamente (VERDERI, 2006). A gravidez, quando desejada, costuma ser um momento especial na vida de um casal, especialmente da mulher que observará as modificações de seu corpo, de tempo em tempo, de acordo com a evolução desse processo; "... é uma fase de grandes transformações no corpo e na vida emocional da mulher, o que tem repercussões muito significativas no estado emocional do homem e no relacionamento entre os dois" (MALDONADO; DICKSTEIN e NAHOUM, 1996, p.43). Alguns estudiosos, como Miranda e Abrantes (2003) e Maldonado (1991), consideram que no ciclo vital feminino existem três períodos importantes para o crescimento emocional da mulher, que são: adolescência, gravidez e menopausa. Para eles, nessas fases de vida, a mulher enfrenta um estado predominante de equilíbrio estável e temporário; são caracterizadas mudanças metabólicas, emocionais e sociais, o que requer reajustamentos intrapsíquicos e interpessoais. No período gestacional, a mulher parece ter que se submeter a uma série de métodos não habituais de soluções de problemas, uma vez que essa situação pode ser nova, como é o caso das primíparas. Maldonado; Dickstein e Nahoum (1996) dizem que ao longo dos três trimestres de gestação ocorrem várias sensações novas para a mulher, sensações essas, jamais vividas e que tocam, atemorizam, assustam ou alegram essas futuras mães. Esses autores também destacam que mesmo a mulher, numa segunda gravidez, reconhece esse período como uma experiência nova, não adversos que ela já possui conhecimento sobre diversas vivências típicas da situação, tal qual já passou por um parto. Maldonado (1991) menciona que a primípara assume a posição de mãe, transitando da posição de filha e mulher para essa que é nova. A múltípara, para essa autora, também sofre com certa mudança de identidade, pois criar um filho parece ser diferente que criar outro ou outros. Uma vez que se confirma uma gestação, quiçá um conjunto de reorganizações deve ser posto em prática para que a partir desse momento possam ocorrer trocas, tanto afetivas quanto de atendimento às necessidades vitais, com o novo ser humano que se desenvolve no interior da mulher. O bebê parece ocupar todos os espaços do corpo feminino e transcende a espaços tais quais o corpo materno possa alcançar. O ovo, embrião, feto parece tocar com o toque da mãe, sentir com o coração materno, ouvir, cheirar, ver e degustar com os sentidos de sua progenitora, e assim, seu corpo ainda em formação pode estar em todos os lugares. Macy e Falkner (1981) mencionam que a maioria das mulheres percebe que está grávida mesmo antes de consultar o médico. Talvez isso se dê pelo fato de que diversas modificações fisiológicas estão acontecendo no organismo feminino quando na gravidez ou por argumentações pessoais e individuais de cada mulher no que diz respeito a sua sensibilidade e percepção corporal. Maldonado (1991, p.27) afirma que "Não é raro a mulher captar em nível inconsciente as transformações bioquímicas e corporais que assinalam a presença de gravidez e expressar essa percepção através de sonhos ou "intuições"". Em contrapartida, parece que algumas mulheres, por terem pouca "sintonia" corporal, por negarem a existência das transformações da gestação, por apresentarem uma história ginecológica com episódios de amenorréia prolongada, ou até mesmo por terem sangramentos eventuais no primeiro trimestre de gestação só descobrem a gravidez no seu estágio mais avançado. A identificação do estado gravídico por uma mulher pode ser confirmada através de exames clínicos, como o exame pela gonadotrofina coriônica por exemplo. Obtido o resultado positivo nos exames uma variedade de sentimentos pode se manifestar na futura mãe, assim como em seu companheiro, o pai da criança. Os sentimentos, na descoberta da gravidez, podem ser de alegria, angústia, tristeza, medo, ou outros. A mulher, ao se descobrir grávida, pode refletir sobre diversos aspectos de sua vida, agora conectada a de outro ser vivo. Podem surgir preocupações com sua vida conjugal, com a continuidade de seu trabalho, com o seu relacionamento familiar, sexual, com seu corpo (nas questões de estética), com os cuidados da futura criança, com a sua questão financeira, com a responsabilidade de ser mãe, com a sobrecarga de ter um filho sem companheiro (em alguns casos), entre outras. Miranda e Abrantes (2003) discorrem sobre a ansiedade e tensão que podem se instalar numa mulher grávida. Para os autores, isso se dá pelo medo que grande parte das

gestantes apresenta sobre esse processo que estão vivendo e que, algumas, pouco conhece especialmente o momento do parto. O estado gestacional pode ser confundido ou interpretado como um período pelo qual a mulher deve se submeter a cuidados intensos e especiais, tais quais a uma pessoa enferma. Entretanto, de acordo com Otto (1984), a gravidez deve ser encarada como um estado normal, fisiológico, uma vez que o corpo feminino se adapta a ela sem dificuldades. Alguns indícios de que a mulher grávida era tratada, em outros tempos, como uma “doente”, sob vigília e cuidados de outras pessoas e também sendo poupada de esforços, foram encontrados nos relatos de Miranda e Abrantes (2003). No período Colonial do Brasil a gravidez era vista como doença e devia ser vivida por mulheres numa aura de cuidados (DEL PRIORE, 1995). Matos (2003) ao investigar as representações femininas e masculinas que emergem do discurso médico-sanitarista formulados no período de 1890 a 1930, descreve que com as concepções higienistas, a educação feminina pretendia o aperfeiçoamento físico e moral da mulher, mãe. Sob a tutela médica as mulheres passaram a ser agentes familiares de higiene social, transmitindo conhecimento e hábitos de saúde às filhas a partir da adolescência e puberdade, ou seja, no início do período da vida fértil feminina. Faria Júnior (2003) destaca em seu estudo a preocupação com as mulheres que seriam mães também nos Projetos sobre a Reforma do Ensino Primário. Ele informa que, de acordo esses Projetos, a Educação Física para as alunas objetivava a harmonia do corpo, das “formas femininas”, mas, sobretudo, as exigências da maternidade. Dessa forma, me parece claro que no final do século XIX o tema gravidez era envolto por uma série de preocupações que se destinavam à mulher e talvez por conta dessas e outras concepções - como, por exemplo, o desconhecimento sobre o corpo feminino e seu funcionamento - possa ter ocorrido margem para restrições destinadas às grávidas por algum período de tempo e, ainda, respingado no século XXI. A relação materno-filial se inicia no momento da percepção da gravidez, e, a complexidade de um relacionamento humano, por ser suficientemente grande, pode permitir a coexistência dos mais diversos sentimentos (MALDONADO, 1991). Essa autora discorre uma reflexão sobre a “ambivalência afetiva” no período gestacional (nos três trimestres e após o parto), mas, especificamente na descoberta da gravidez. Parece haver sempre uma oscilação entre querer e não querer aquele filho. Comumente, gestantes sentem-se carentes, talvez por razão da ambivalência de sentimentos desse período, e como tal podem requerer atenção de pessoas próximas, como o marido e a mãe (quando esses são presentes em suas vidas). Macy e Falkner (1981) dizem que a mãe é sempre muito influente e completam essa reflexão afirmando que ao surgir uma nova faceta da gravidez e da maternidade para ser examinada, a mãe da gestante é a primeira pessoa para quem a mulher se volta; porém, consideram que em nossa sociedade atual – com frequência – as mães não se encontram tão disponíveis às filhas e, também, que os hospitais estão reformulando suas práticas para acolher melhor a parturiente. Maldonado (1991) relata as predominantes oscilações de sentimentos que podem ocorrer em gestantes ao longo do período da gravidez. A autora afirma que no primeiro trimestre é comum, pelo fato da mãe não conseguir sentir o feto concretamente e pelas alterações no esquema corporal, o sentimento de dúvida, de alegria, apreensão ou até mesmo rejeição. Pode haver também ao longo da gestação (mais especificamente no primeiro trimestre) fantasias de aborto, hipersonia, náuseas, vômitos, desejos e/ou aversões (especialmente por certos tipos de comida), aumento de apetite, oscilações de humor, aumento da sensibilidade e da irritabilidade. O segundo trimestre, de acordo com Maldonado (1991), é marcado por alterações no desejo e desempenho sexual, alterações no esquema corporal, por uma possível introversão e passividade, mas – principalmente - pelo impacto dos primeiros movimentos fetais, os quais podem ser sentidos pela mãe, e com isso, parece haver personificação do feto. A mesma Maldonado (1991) considera também o fato de que algumas mulheres não conseguem sentir o feto diferencialmente, pois o percebem como uma massa ou um “caroço”; outras sentem a diferenciação, ou seja, percebem com nitidez a posição dos membros e tronco na medida em que a gravidez avança. Essa interpretação dos movimentos fetais parece se constituir em uma etapa da formação da relação materno-filial. Com relação ao terceiro trimestre de gestação Miranda e Abrantes (2003) mencionam que é um período no qual surgem sentimentos contraditórios. Eles relatam que com a aproximação do momento do parto, a mulher pode ficar tanto ansiosa e desejante que este momento chegue logo para que ela possa conhecer seu bebê, como desejar que a gravidez se estenda por mais um tempo, talvez por não se sentir preparada o suficiente para o parto, para os cuidados com o bebê ou para a amamentação. De acordo com os autores, as preocupações com o corpo podem se intensificar nessa fase. A gravidez, a partir dessas observações feitas, parece ser de fato um momento impactante na vida de uma mulher. Muitos símbolos são emergentes nesse período, algumas fantasias e mitos parecem vir à tona, em

alguns casos, e diversas modificações notáveis acontecem no corpo feminino que recebe e nutre uma nova vida.

5. Considerações Finais

O corpo gestante, como visto a partir das reflexões apontadas pelos autores estudados, se mostra num processo de transformações que pode acometer a mulher e as pessoas que a circundam em diferentes aspectos, tais quais: físico, emocional e afetivo-social. A partir desse estudo foi possível identificar que o corpo gestante carece de um olhar detalhado o qual possa identificar as características fisiológicas e biológicas decorrentes do processo da gravidez, mas também e sobretudo, o qual possa considerar os significados e significantes desse corpo que gera uma nova vida. Considerando o corpo sob a ótica dos estudos em corporeidade, ou seja, compreendendo que além de matéria esse corpo é também sentimento e desejo/necessidades, acredito que as mulheres grávidas poderão ser melhor atendidas pelos profissionais da Educação Física, sendo beneficiadas com uma gestação mais confortável e feliz.

Referências Bibliográficas

DEL PRIORE, M. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia**. 2ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

FARIA JUNIOR, A. G. de. Futebol, questões de gênero e co-educação: algumas considerações didáticas sob enfoque multicultural. **Pesquisa de campo**, nº 2, 2003. p.17-39.

MACY, C.; FALKNER, F. **Gravidez e parto: prazeres e problemas**. São Paulo: Ed. Harper & Row do Brasil, 1981.

MALDONADO, M. T. P.; DICKSTEIN, J.; NAHOUM, J. C. **Nós estamos grávidos**. 13ª edição. São Paulo: Saraiva, 1996.

MALDONADO, M. T. P. **Psicologia da gravidez: parto e puerpério**. 12ª edição. Petrópolis: Vozes, 1991.

MATOS, M. I. S. de. Delineando corpos: as representações do feminino e do masculino no discurso médico. In: MATOS, M. I. S. de e SOIHET, R. (orgs.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Unesp, 2003. p.107-127.

MIRANDA, S. A.; ABRANTES, F. **Ginástica para Gestante**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.

OTTO, E. **Ginástica para gestantes: como ter um bebê mantendo-se em forma.** São Paulo: Manole, 1984.

RUDIO, F.V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica.** Petrópolis: Vozes, 1998.

VERDERI, E. **Gestante: elaboração de programa de exercícios.** São Paulo: Ed. Phorte, 2006.